

# Fidelidade

e

# Pós-Modernidade

Consequências do espírito pós-moderno no  
conceito e na experiência da fidelidade

Pedro Rodrigues Costa

## **FICHA TÉCNICA**

**Edição:** Pedro Daniel Rodrigues da Costa

**Título:** *Fidelidade e Pós-Modernidade: consequências do espírito pós-moderno no conceito e na experiência da fidelidade*

**Autor:** Pedro Daniel Rodrigues da Costa

**Revisão editorial e Paginação:** Pedro Daniel Rodrigues da Costa

**Capa:** Sítio do Livro

**1.ª edição**

**Lisboa, Novembro 2011**

**Impressão e Acabamento:** Agapex

**ISBN:** 978-989-97263-1-4

**Depósito Legal:** 335946/11

© **PEDRO COSTA**

**Publicação e Comercialização**

Sítio do Livro, Lda.

Lg. Machado de Assis, lote 2, porta C — 1700-116 Lisboa

[www.sitiodolivro.pt](http://www.sitiodolivro.pt)





## PREFÁCIO

Passa despercebido ao dia-a-dia das relações que a sua existência (e persistência) têm por base a prática de atos esperados. Pode-se verificar esta premissa através do facto dos contratos regulares estabelecidos entre indivíduos não necessitarem de nenhuma formalidade e, mesmo assim, se cumprirem. Não fosse assim e a maior parte das relações estariam condenadas à partida, porventura subsistindo a visão *hobbsiana* de uma guerra permanente de “todos contra todos” que alvorava o homem no estado natureza e, assim, capaz de ser o lobo do seu semelhante.

O desejo de se estabelecer uma paz capaz de permitir a vivência sã impôs a relação entre indivíduos como a matéria-prima das sociedades. A relação é assim uma necessidade do ser social. O homem relaciona-se para trabalhar, para amar, para se acompanhar, para a amizade, para se unir, no fundo, para existir. Nenhum indivíduo o faz só por si; não há relações de uma pessoa consigo. É a relação que estabelece o princípio da fidelidade na medida em que é percebida a necessidade do “outro” e instituído o sentimento particular dirigido para a preservação da relação com esse “outro”. Essa alteridade, condição básica da diferença, apesar de mostrar o que está em oposição, não só consciencializa o indivíduo de si como, ao instituir a necessidade do seu contraponto, estabelece a primazia dessa contraparte como se de si mesmo se tratasse.

O que Pedro Rodrigues Costa nos dá a conhecer neste ensaio é uma narrativa do conceito de fidelidade cujo centramento encerra em si uma ambiguidade subjacente, para além da polissemia latente e da diversidade de entendimento. A fidelidade pode ser território de muitos olhares. Tem forma jurídica, cariz

psicanalítica e expressa-se sociologicamente em ondas por vezes dominadas pelo modernismo e outras expressas nas linguagens e atitudes pós-modernas. Ao promover esta análise do conceito de fidelidade, fundamental no estabelecimento da certeza nas relações, sem a qual a vida social se tornaria impossível, o autor escolhe o caminho da multidisciplinaridade, enriquecendo-o com uma série de exemplos reais, apresentados como fotografias descritivas. Nelas a fidelidade tanto surge racional como irracional, imaginada e praticada, orientada e acidentalizada, por vezes sobressaído do interior outras vezes com necessidade de resultados exteriores.

Um exemplo: não há organização que não almeje uma longa lista de clientes fiéis, porventura a totalidade. Semanalmente, o tema das reuniões e as instruções aos funcionários são sempre as mesmas: fazer tudo para fidelizar clientes. Para que tal plano resulte, são engendrados esquemas, denominados sistemas de fidelização, cujo objetivo é reter os clientes aos processos de sedução comercial da organização. Esta, nunca se pode dar por satisfeita com o nível de fidelidade obtido porque, sabe, muitas outras organizações querem também a fidelidade desse cliente.

Os clientes dessas organizações agem de acordo com o pretendido e aceitam integrar os seus programas de fidelização. Tornam-se assim fiéis. Todavia, na carteira ostentam cartões de fidelização de várias livrarias, várias farmácias, vários hipermercados, várias lojas de pronto a vestir. Estão dispostos a ser fiéis, mas fiéis a todos. O que é um paradoxo: ser fiel a todos não será um caso de infidelidade? Todos os clientes fiéis são de uma infidelidade incrível. Não há organização que não o saiba. E não é vergonha ser infiel? Esta noção que integra e interliga o conceito e o seu contrário retiram à

ideia a noção de honra e vergonha, trazendo-os para um campo normalizado das relações sociais. A integração de contrários faz emergir a noção de fluxo contínuo e constante, corporizado numa vitalidade social.

Nem sempre essa integração de contrários se dá na mesma forma. No caso de um casal, este vive a sua circunstância naturalizada pela relação convencionalizada. É fiel porque quer sê-lo. Toda a fidelidade nasce de uma relação mas, no caso da união marital, a fidelidade é estabelecida segundo uma noção de unilateralidade. Apesar da esperança na reciprocidade, não é obrigatoriedade da lealdade do seu objeto que impõe a adesão da contraparte. Neste caso a fidelidade mantém-se um conceito interior, estabelecida no centro do indivíduo. A sua exteriorização dá-se com a demonstração aos vizinhos e à rede familiar dos sinais da intensidade da relação do casal. A interioridade do sentimento impõe, na união entre pessoas, a formulação de sinais que comunicam a exterioridade.

É impossível falar em fidelidade sem que paire, imediatamente, o seu contrário. Por vezes essa dicotomia encanta o conceito dando-lhe a dinâmica de fluxo. Outras vezes a dicotomia recorta os lados da existência moral, dividindo. Outras vezes ainda, a fidelidade centra-se no interior do seu agente (um amor não correspondido pode ser fiel ao amado) e outras ainda, mascara a frente com as suas cores luminosas escondendo-se a parte escura por detrás. Este é o momento em que o primeiro a saber, realmente não quer saber. Prefere ser o último.

Recorrendo a uma escrita fluída, Pedro Costa agarra o conceito através de uma narrativa simples – mas sem ser simplista, atravessando variações que a complexidade do tema obriga. Como não podia deixar de ser, grande parte da sua análise baseia-se no maior

indicador que a sociedade construiu sobre o tema. A fidelidade dos corpos e o apelo destes à diversidade no seu uso impõe uma luta permanente entre uma socialização normativa, dominada pelo vitorianismo e a expressão das pulsões primitivas, geralmente fontes de prazer intoleradas. Trata-se de um quadro expresso num palco com diferentes iluminações. A zona iluminada mostra a todos as arestas da fidelidade, enquanto o breu arredonda os corpos e os gestos escondendo na escuridão a dúvida da infidelidade.

Este livro não é um manual nem um receituário. É, sim, um exercício de análise sociológica de um tema que tem tanto de complexo como de encantador. A fidelidade induz nos indivíduos uma duplicidade e uma plasticidade que, manifestamente os individualiza mas, ao mesmo tempo, os mantém conectados com a sua mundo-vivência de relações. Como nos diz o autor, é desta plasticidade que se faz a máscara social dos indivíduos.

## INTRODUÇÃO

Ninguém se pode considerar incólume ao tema da fidelidade. Esta rege, em graus variáveis, todo o tipo de relações. Para os que acham que a fidelidade diz apenas respeito às relações que se projectam no futuro, entre casais enamorados, o recomendável é ler com atenção todos os capítulos, pois facilmente se percebe que a sua génese não é assim tão redutora. Aliás, se há algo que não é redutor é falar de fidelidade. Primeiro porque esta não representa um simples conceito; é, antes de mais, um metaconceito<sup>1</sup> (pode ter carácter sociológico, jurídico, económico, histórico, religioso, etc.). É algo que pertence a um dos modos de comportamento muito gerais, e que se eleva sobre relações que já existem e perduram – tem portanto um carácter complementar. Em segundo lugar porque, para além de metaconceito, que preserva e complementa vários tipos de relações sociais, comporta um carácter afectivo – é também uma forma sociológica sob a forma de sentimento<sup>2</sup>. E isso leva-nos ao terceiro ponto: falar de fidelidade obriga-nos a falar da nossa essência simultaneamente sociológica e sentimental, de todas as dimensões profundas que nos afectam enquanto seres sociais e individuais, relacionando constantemente as nossas acções com as sociações produzidas em função do espírito do tempo.

Por todas estas razões, podemos considerar que não há nada de banal ao falar de fidelidade. Nada é tão

---

<sup>1</sup>Um metaconceito é um conceito que se alastra a várias dimensões impossibilitando a delimitação da sua área de aplicação. Ou seja, pula de dimensão em dimensão, instala-se, interioriza-se e reconfigura-se dentro da acção humana.

<sup>2</sup> Cf. G. Simmel, *Fidelidade e Gratidão e Outros Textos*, Lisboa, Relógio D'água, 2004, p. 33.

óbvio quanto parece, pois a sua interiorização e inscrição social não é tão plástica quanto pretende, nem tão objectiva quanto deseja.

Começar por descrever as razões pelas quais se decide ensaiar sobre a fidelidade, permitirá resumir algumas ideias aqui presentes. Em primeiro lugar, ao procurar perscrutar este tema, incluído numa série de temas profundos e problemáticos, pretende-se, intencionalmente, mostrar aquilo a que chamo de Sociologia da Individuação: uma sociologia que não aceita que se deixe de fora o lado mais sombrio e não racional nas acções humanas, uma sociologia que se preocupa em mostrar o «si-mesmo»<sup>3</sup> - aquele que todos nós desejamos alcançar de uma ou de outra forma. Em segundo lugar, é também importante referir que o que aqui escrevo não pretende ser uma teoria geral acerca dos comportamentos balizados pelo conceito de fidelidade. É apenas uma tentativa de explicar um conjunto de consequências do espírito pós-moderno no conceito e na experiência da fidelidade. E em terceiro lugar, não quero que fiquem a pensar nesta obra como um incentivo à desconfiança e à descrença pela humanidade. É precisamente o contrário que quero que pensem: aqui se acredita no ser humano, não como um ser a caminho da perfeição mas antes como um ser constantemente actualizável, denotando a importância da sua existência e da sua convivência como factor de imprevisibilidade.

Sublinha-se por isso, para que não restem dúvidas aos leitores, duas ideias chave para a compreensão deste ensaio: primeiro temos o conceito, e depois a experiência da fidelidade. O conceito é aqui entendido na sua forma sociológica, e não jurídica. Quero com isto

---

<sup>3</sup> Termo usado por Jung, que tem um significado semelhante ao do Self, para descrever a essência psicossociológica dos indivíduos.

dizer que o contrário de fidelidade não é, necessariamente, a infidelidade tomada acção. Existe fidelidade enquanto aura que abarca uma relação, e que se projecta no tempo de forma duradoira, portanto relacionada com os sentimentos e afectividades; e existe fidelidade que é imposta como matriz social que está na base de todo o tipo de relações sociais. O seu contrário, infidelidade, não tem que se tornar necessariamente acção – ou aquilo a que vou designar de traição. Pode ser também uma suspensão da fidelidade na consciência, no desejo ou nos sentimentos, algo que fica em estado virtual e que pode não levar a nada objectivamente. Em segundo lugar, vou falar da experiência pós-moderna para com a fidelidade, relacionando-a com as várias dimensões do quotidiano pós-moderno. Aquilo que vou tentar mostrar neste cruzamento dinâmico são as influências de uma atmosfera líquida, em permanente fluxo, carregada de lógicas que apontam para o hedonismo, para o imediatismo e para o efémero, e que incidem sobre a socialização e a individuação da fidelidade gerando novas práticas e concepções face ao passado.

Direi ainda, acerca do conceito, que existe uma natureza humana que se opõe constantemente às construções conceptuais colectivas. Forma e conteúdo estão sempre em constante confronto. Constantemente sob o efeito de forças nascentes, viradas hoje para a realização plena do tempo imediato e presente, forçamos mais do que nunca as formas da vida, tentando impor mais de nós mesmos. Entre as formas que nos são impostas, e os conteúdos que tentamos impor, percebem-se cada vez mais os lados colaterais dos processos de socialização e de individuação. É o que resulta dessas socialidades e desses processos que

tornam difícil, senão impossível, a realização plena de conceitos como o da fidelidade.

Importa também realçar que a Sociologia não é uma moral, logo não julga. É isso que aqui pretendo fazer. Evitar julgamentos de valor ou de causa. O objectivo é apenas compreender, mostrar e objectivar as dinâmicas inerentes ao conceito de fidelidade. Este ensaio é, portanto, de base sociológica, embora a transversalidade do conceito tenha obrigado a recorrer constantemente às outras ciências sociais e humanas, tais como a Antropologia, a Psicologia, a Neuropsicologia, a Filosofia e as Ciências da Comunicação. Pensar em rede, numa rede científica de conhecimentos, permite aumentar a probabilidade de acerto, diminuir as insuficiências e evitar as simplificações dentro do campo teórico. Foi isso que pretendi fazer.

Assim, ensaio aqui sobre a fidelidade usando diferentes métodos<sup>4</sup> para analisar um conceito complexo mas atraente, inconveniente mas pertinente, importante mas levemente esquecido, que sustenta um dos maiores pilares das relações humanas e sociais: a família (sobretudo). Falarei da fidelidade não apenas como uma caixa negra, não apenas como objecto que se reificou na modernidade, mas sim em algo que na pós-modernidade se transfigurou e que afunda ainda mais o barco das utopias sociais, mostrando o mundo e a sua transformação através do desenvolvimento não controlável e não programável das relações humanas. Falarei da fidelidade não como algo óbvio nem facilmente aceitável, até porque na sua génese pouco ou

---

<sup>4</sup> Usei análise bibliográfica, trechos de artigos e descrições de casos reais que foram transformados em ficção. Na descrição desses casos substituí nomes e lugares para garantir a protecção e a confidencialidade das fontes. Qualquer semelhança com a realidade alheia é pura coincidência.